

A CONTRIBUIÇÃO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR ¹

Vanessa de Araújo Vianna²

Geórgia Martins Baeta Neves³

Resumo

A orientação profissional (OP) auxilia os jovens para que possam refletir sobre suas características, interesses, mercado de trabalho, significado do trabalho na sua vida, estimulando o autoconhecimento para que possam tomar uma decisão mais segura. Esta pesquisa objetivou refletir sobre a contribuição da avaliação psicológica no processo de orientação profissional no contexto escolar. Buscando proporcionar a sociedade e a população usuária desses serviços um conhecimento e da relevância sobre a prática de avaliação psicológica no processo da escolha profissional, como ainda propiciar a outros profissionais desta área informações sobre métodos e técnicas sobre a avaliação psicológica, a fim de contribuir para uma melhor eficácia no exercício profissional. Para tanto, procedeu-se à busca bibliográfica pela Biblioteca Virtual da Saúde (BVS-Psi), Scielo, Google acadêmico e BDTD (Biblioteca de teses e dissertações) A consulta se deu por meio de palavras-chaves, quais sejam, orientação profissional, orientação vocacional, testes psicológicos e teste vocacional.

Palavras- chave: Avaliação Psicológica, Orientação Profissional e Teste Vocacional.

¹ Artigo científico desenvolvido pela primeira autora sob orientação da segunda, para obtenção de Título de Especialista em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil.

² Psicóloga, Graduada pela Universidade Potiguar (UnP), e discente da Especialização em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil.

³Psicóloga, Docente no Curso de Psicologia e Coordenadora da Especialização em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil.

Abstract

Vocational guidance (OP) helps young people to reflect on their characteristics, interests, labor market, meaning of work in his life, encouraging self so they can make a safer choice. This research aimed to reflect on the contribution of psychological assessment in the process of career guidance at school. Seeking to provide society and user population of such services and a knowledge of the relevance of the practice of psychological assessment in the process of career choice, but also provide other professionals in this area information on methods and techniques on the psychological evaluation in order to contribute to a more effective professional practice. Therefore, we proceeded to search for bibliographic Virtual Health Library (BVS-Psi), SciELO, Google scholar and BDTD (Library of Theses and Dissertations) The consultation took place through keywords, namely, career guidance, vocational guidance, vocational testing and psychological testing.

Key-words: Psychological Assessment, Career Guidance and vocational test.

INTRODUÇÃO

A orientação profissional (OP) se estabelece em outra modalidade de atendimento em psicologia, podendo ser administrado tanto na esfera clínica como escolar, comportando olhares múltiplos e diversas técnicas e modos de atuação com base com seus pressupostos teóricos e metodológicos (NASCIMENTO, 2007).

Diante disso, é possível observar que no processo de orientação profissional se faz necessário contemplar em seu contexto os aspectos subjetivos e objetivos do sujeito como sendo esse um dos fatores contribuintes para a construção dos projetos e escolhas de vida. Sendo assim, neste processo é necessário ainda que haja percepções de conflitos, identificações e singularidades, das motivações e interesses, para que assim ocorra uma

ampliação da percepção sobre si mesma como também em seu contexto social e educacional.

Com base nesta, o interesse por este estudo surgiu em decorrência da experiência pessoal no âmbito escolar com alunos pré-vestibulandos de uma escola particular onde possibilitou a prática da utilização dos testes vocacionais demonstrando uma boa aceitação e interesse pelos alunos, na qual demonstrou uma prática contribuinte para o processo de orientação e escolha profissional. Sendo assim, essa experiência possibilitou a reflexão sobre a relevância dos testes vocacionais no processo de orientação profissional no contexto escolar como também da variedade de técnicas e instrumentos que podem contribuir para este mesmo propósito.

Considerando o exposto acima, este estudo será abordado através de fundamentos teóricos e estudos relevantes sobre o assunto tendo como objetivo refletir sobre a contribuição da avaliação psicológica na decisão profissional no contexto escolar. Buscando proporcionar a sociedade e a população usuária desses serviços um conhecimento e da relevância sobre a prática de avaliação psicológica no processo da escolha profissional, como ainda propiciar a outros profissionais desta área informações sobre métodos e técnicas sobre a avaliação psicológica, a fim de contribuir para uma melhor eficácia no exercício profissional.

A partir destas considerações, o presente trabalho foi estruturado de forma a apresentar inicialmente, a introdução sendo apresentadas as ideias iniciais incluindo os objetivos, os métodos e as justificativas para o estudo apresentado, em seguida o desenvolvimento abordando os aspectos históricos e conceitualização da utilização da avaliação em orientação profissional no âmbito escolar. Discutindo as diversas técnicas e instrumentos de avaliação no processo de orientação profissional como ainda os desafios e perspectivas do processo de Escolha profissional. Por fim, serão apresentadas as considerações finais que encerram o trabalho.

ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUALIZAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO ÂMBITO ESCOLAR

A OP brasileira nasceu sob forte influência da Psicometria, por volta da década de 1920, em institutos de Psicologia Aplicada. A metodologia utilizada abrangia diagnóstico das tendências vocacionais e aptidões dos indivíduos, através do uso de testes psicológicos, e aconselhamento para seu melhor ajustamento ao trabalho. Seu desenvolvimento, nas décadas seguintes, esteve intimamente relacionado à criação de cursos de formação e aperfeiçoamento de psicotécnicos e orientadores profissionais no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), organizado por Emilio Mira Y López, na Fundação Getúlio Vargas, cuja criação, segundo Cruces (2003) figurou como relevante para a consolidação da Psicologia brasileira, especialmente em sua interface com a Educação (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Historicamente, a Orientação Profissional esteve vinculada inicialmente à área da Educação, como atividade no campo da Orientação Educacional, conforme Constituição Federal de 1937 e Leis Orgânicas instituídas em 1942, 1943 e 1946 (GRINSPUN, 2002), e destinada às classes menos favorecidas que frequentavam as escolas profissionais, enquanto os filhos da elite estudavam em escolas secundárias. Desenvolveu-se também, no âmbito da Psicologia, em três domínios: (1) da Psicologia do Trabalho, vinculada à Seleção de Pessoal, cujas intervenções centraram-se na modalidade estatística; (2) da Psicologia Educacional, centrando-se na questão da passagem de um ciclo educativo a outro; e (3) do Aconselhamento, focalizando determinadas crises evolutivas no ciclo vital.

Com base no autor Nascimento (2007), a OV vem ganhando um espaço de destaque na área da Psicologia e além de mostrar sua importância para as pessoas que dela necessitam, contribui um campo de conhecimentos complexos, pois o avanço trouxe uma contribuição mais profunda do processo da escolha, que vai além das questões acadêmicas, profissionais e econômicas.

Sendo assim, tradicionalmente, o termo orientação profissional ou orientação vocacional relaciona-se a um processo cujo principal objetivo se estabelece em ajudar as pessoas que nela necessitam para a reflexão em seu processo de desenvolvimento e escolha profissional.

Desde a chegada da OP ao Brasil, portanto, ela esteve atrelada à ciência e à prática psicológica, embora mantivesse interfaces com outras áreas, como a Educação. Foi na década de 1940 que ela adentrou as escolas, estabelecendo-se gradualmente como campo de atuação de psicólogos e pedagogos. Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) demonstram que, no que diz respeito à atuação de pedagogos, a OP surgiu como atividade no campo da Orientação Educacional, destinada às classes menos favorecidas que frequentavam as escolas profissionais. Na lei 5.692/71, chegou a ser estabelecida como atribuição específica do orientador educacional, devendo ser oferecida em todas as escolas (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

A institucionalização da OP nos espaços educativos levaria a uma visão mais ampliada da mesma, a exemplo do que vem acontecendo no cenário internacional. Na medida em que vem sendo reconhecida sua importância, tem-se admitido que a OP possua um papel significativo em debates sobre o currículo escolar. Isso deu espaço ao nascimento da Educação para a Carreira, em países desenvolvidos, que possibilitou que a orientação fosse progressivamente considerada mais como um processo evolutivo do que prescritivo, ou seja, "que pode promover, nos estudantes, a aquisição de atitudes, conhecimentos e capacidades necessárias para a tomada das suas próprias decisões numa perspectiva desenvolvimentista" (MORENO, 2008, p. 38-39). O foco da OP passou a estar mais perto de uma concepção de natureza educativa, levando-a a integrar-se no currículo escolar (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Cabe ao psicólogo escolar, nas intervenções de carreira, dispor-se a ocupar um lugar de escuta, tanto junto aos sujeitos orientandos quanto junto aos demais atores do contexto educativo. Que ele esteja disponível a escutar e compreender as vivências dos Educandos acerca da relação que estabelecem com o sistema educativo, com o mundo do trabalho e consigo mesmos,

contribuindo à construção de processos de conscientização destes sujeitos e de seus educadores (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Apesar dos recentes avanços da Psicologia Escolar, pouco se tem refletido acerca de como estes podem contribuir à ressignificação das práticas do psicólogo escolar no âmbito da OP. Compreende-se que a pouca ênfase ao tema em questão relaciona-se ao fato de, nas últimas décadas do século XX, devido à extrema valorização da psicologia clínica no cenário brasileiro, muitos psicólogos consideraram o consultório como o espaço característico no qual ocorreria essa intervenção. A OP nas instituições escolares e educacionais, nessa perspectiva, foi tida como algo secundário; ou, como afirmam Correia e Campos (2004) uma atividade periférica do psicólogo escolar (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Bosi (1982), por exemplo, incentivava a saída da Psicologia dos consultórios e o contato dos alunos de Psicologia com a educação popular, isto é, com as escolas públicas. Os ensaios publicados nos periódicos de Psicologia da época questionavam os determinantes e a liberdade de escolha profissional e as pesquisas tinham a preocupação de validar e adaptar os testes vocacionais para o contexto brasileiro (ABADE, 2005).

Como afirma Pimenta (1981) auxiliar uma pessoa na tomada de decisões profissionais não se reduz a "ajudá-la psicologicamente", pois esta seria uma ajuda parcial e fragmentária. Contribuições advindas de ramos como a pedagogia, sociologia e economia, por exemplo, são também fundamentais nesse processo (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Concebe-se a instituição educativa, preferencialmente a escolar, como o espaço privilegiado em que este trabalho deve se organizar, de forma interdisciplinar. Não se pretende, com isso, invalidar as práticas realizadas no âmbito clínico ou mesmo em outros contextos, como o do trabalho. Busca-se, sim, defender que a OP se insere muito apropriadamente na especificidade da atuação da Psicologia Escolar, especialmente pelo caráter educativo que encerra, em qualquer contexto em que é realizada (CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Na escola, são inúmeras as possibilidades de intervenção do psicólogo escolar para contribuir ao desenvolvimento da carreira dos alunos. Uma perspectiva desenvolvimentista favorece que sua atuação supere o enfoque remediativo, estando mais focada nas competências do que nos déficits ou dificuldades da clientela. Ao ter como objetivo central de seu trabalho contribuir à promoção do desenvolvimento global dos alunos cabe ao psicólogo escolar assumir como uma de suas tarefas essenciais implementar a OP na escola, encarando o desenvolvimento acadêmico e da carreira como processos relacionados, que se apoiam e suplementam mutuamente, em benefício do aluno (TAVEIRA, 2005 *apud* CARVALHO; ARAUJO, 2010).

Observa-se ainda que, o foco da orientação vocacional se estabelece na capacidade de preparação do jovem para avanços na sua carreira, embora o seu desenvolvimento pessoal também permeie todo o processo.

Bohoslavsky (1995), psicólogo argentino, define Orientação Vocacional como um campo de atividades dos cientistas sociais, constituindo uma vasta gama de tarefas realizadas na área de diagnóstico, de investigação, de prevenção e de solução da problemática vocacional.

“A Orientação Profissional, na década de 80, foi discutida enquanto processo no qual a escolha é multideterminada, a profissão e o indivíduo têm caráter dinâmico e o coordenador o papel de informar e compreender a realidade psíquica dos indivíduos. As problemáticas da escolha profissional, o dilema da escolha profissional e a identidade profissional são categorias centrais nos estudos sobre Orientação Profissional. Os autores mais citados em publicações brasileiras são Super, Pelletier e Bohoslavsky” (MELO-SILVA & JACQUEMIN, 2001, p. 20).

A criação, em 1993, da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP) foi um marco histórico importante para a Orientação Profissional, já que esta associação objetiva consolidar um espaço onde exista a possibilidade de construção da identidade do orientador profissional, bem como representa a possibilidade de organização da categoria e a definição de políticas para este campo de atividades em nosso país (MELO-SILVA & JACQUEMIN, 2001).

Em geral, os serviços e programas brasileiros de Orientação Profissional visam a auxiliar pessoas a tomarem decisões acerca do estudo, formação e

trabalho. Tradicionalmente, tais programas foram e são destinados, predominantemente, a jovens em dúvida sobre a escolha da carreira universitária.

É possível observar que a área vem se expandindo e, em consequência, as pesquisas sobre o tema têm se ampliado. No que se refere às competências internacionais para orientadores educacionais e vocacionais, Talavera, Liévano, Soto, Ferrer-Sama e Hiebert (2004) investigaram os saberes esperados dos profissionais, quais sejam, diagnóstico, orientação educacional, desenvolvimento de carreira, aconselhamento, administração da informação, pesquisa e avaliação, gestão de programas, dentre outros. Com vistas ao desenvolvimento da educação continuada, Jenschke (2003) discutiu a cooperação internacional e as necessidades de orientação e aconselhamento, em face das mudanças mundiais. O autor destacou a relevância dos serviços de Orientação Profissional e Vocacional para a promoção do desenvolvimento de recursos humanos saudáveis.

Contudo, temos que a Orientação Profissional é um processo de ajuda, de caráter mediador e cooperativo entre um profissional preparado teórica e tecnicamente e um sujeito ou grupo de sujeitos, que necessitem auxílio quanto à elaboração e consecução do seu projeto de vida profissional com todos os aspectos envolvidos do seu comportamento vocacional (conhecimento do seu processo de escolha; autoconhecimento, conhecimento do mundo do trabalho e modelos de elaboração de projetos).

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Nos processos de orientação Vocacional/ Profissional, dentre os recursos que podem ser utilizados para auxiliar nas estratégias de intervenção, estão os instrumentos de avaliação psicológica. Como apontam Sparta, Bardagi e Teixeira (2006), estes são empregados desde o início das práticas neste campo de atuação, que se mostrou profícuo ao desenvolvimento de testes psicológicos, como os instrumentos psicométricos e as técnicas projetivas.

Entretanto, no processo de OP não são utilizados apenas testes psicológicos. Também são utilizados outros recursos técnicos, como materiais lúdicos e dinâmicas de grupo – nos processos que ocorrem de forma coletiva (SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006).

O trabalho de orientação profissional realizado em grupo, inicialmente procura discutir o significado da escolha profissional na vida do indivíduo, buscando-se discutir e refletir a multiplicidade de aspectos envolvidos na construção do seu futuro. Dentre esses aspectos, discute-se sobre a relação entre família e a escolha profissional, e relação entre mercado de trabalho e escolha profissional; a influência dos colegas e do grupo de amigos; a pressão e interferência dos meios de comunicação na escolha profissional e sobre a tentativa do jovem em afirmar que faz sua escolha sozinho, afirmando que tais aspectos acima citados não o influenciam, mas apenas lhe fornecem dicas. Por isso, no processo de orientação profissional, o psicólogo, através de técnicas e atividades grupais, fará com que o jovem se defronte com tais questões e reflita sobre elas, aprofundando e conhecendo cada vez mais a realidade em que vive (BOCK, 1995).

Fazer orientação profissional em grupo possibilita o atendimento a um número maior de jovens e um maior entrosamento. As diversas visões dos participantes do grupo enriquecem cada indivíduo, apresentando os aspectos da realidade que influenciam na escolha profissional (RAPPAPORT, 1998).

A entrevista também é elemento fundamental uma vez que no processo de OV ela auxilia a identificar o motivo (manifesto ou latente) que leva a pessoa a procurar nosso serviço para resolver sua dificuldade; quais são seus conflitos predominantes; que procedimentos devemos escolher para realizar a orientação com um caso individual. Ela torna o processo dinâmico. Ela auxilia no diagnóstico. Além disto, a entrevista, de acordo com diversos autores, pode colaborar no trabalho de elaboração do orientando, para que ele possa construir a sua identidade vocacional, elaborar os conflitos e fazer suas escolhas. (NASCIMENTO, 2007).

Acredita-se, portanto, que o uso dos testes se constitui em uma das fases deste processo em que constam várias outras etapas. Nascimento (2007) destaca que não há um momento correto para a aplicação dos testes, já que, muitas vezes, o teste pode não contribuir diretamente para a escolha. Portanto,

o emprego do teste, algumas vezes pode ser realizado na fase inicial, mas também pode ser utilizado no meio do processo, quando se percebe que o orientando não está conseguindo evoluir em seu trabalho.

A avaliação psicológica nunca deve ser realizada de forma mecânica, mas sempre levar em conta o caso individual. Um teste não pode ser interpretado de modo rígido, sem considerar os aspectos pertencentes a individualidade do testando. Os dados numéricos não são padrões passíveis de aplicação a todos os indivíduos, é necessário considerar as peculiaridades de cada caso (NASCIMENTO, 2007).

Barros (2010) reforça essa ideia ao dizer que a OP é centrada no próprio sujeito, implicando identificar, clarificar e especificar os problemas únicos e específicos do sujeito em questão, tendo papel importante, a aliança terapêutica estabelecida entre orientando e orientador.

Partindo disto, podemos salientar que a orientação profissional veio para facilitar e orientar a escolha de uma profissão, trazendo maior tranquilidade, prazer e gratificação por conhecer melhor as profissões e não fazer uma opção simplesmente por obrigação. Além disso, é importante na orientação profissional que se tenha conhecimento dos problemas e dúvidas que os jovens orientados apresentam, para que assim se possa traçar um perfil com facilidade, resultando em uma orientação bem sucedida para o adolescente (LEVENFUS, 2002).

Com isso, devemos destacar que a orientação profissional se compreende como um processo que não tem como objetivo principal apresentar uma solução pronta, mais sim priorizar a reflexão e a busca de informações que venham a oferecer ao indivíduo a possibilidade de tomar suas próprias decisões.

Entretanto, é possível observar que houve mudanças em como essas técnicas são utilizadas pelos orientadores e na função que ocupam dentro dos processos de Orientação Vocacional/ Profissional, acompanhando o

desenvolvimento das abordagens teóricas sobre a escolha profissional. Verifica-se que, até a primeira metade do século passado, predominavam estratégias de avaliação centradas na definição de uma escolha profissional, as quais Sparta, Bardagi e Teixeira (2006) identificam como Modelo de Avaliação Psicológica Centrado no resultado.

Bohoslavsky (1991) destaca a importância do diagnóstico nos processos de orientação, através do que se investigam as problemáticas vocacionais dos orientandos, a fim de planejar intervenções visando à promoção da identidade vocacional e pessoal dos indivíduos (BOHOSLAVSKY, 1991).

Segundo Leitão (2004), a aplicação da avaliação psicológica nas intervenções em Orientação Vocacional/ Profissional compreende diversos conteúdos. A autora salienta que, embora haja tipos de instrumentos de avaliação psicológica que são tipicamente associados à utilização de intervenção de carreira existe vários outros que podem proporcionar informações úteis ao processo de escolha vocacional dos orientandos. Dessa maneira, na definição de quais técnicas utilizar, o orientando deve considerar o papel das informações que serão obtidas através do processo avaliativo para a intervenção de carreira, bem como a contribuição que cada instrumento pode oferecer para classificar e especificar a problemática dos orientados.

Ressalta-se que a utilização de instrumentos projetivos oferece contribuições relevantes ao processo de Orientação Vocacional/ Profissional, uma vez que propiciam o aparecimento de elementos do funcionamento interno do indivíduo, impedindo que este se apoie e se refugie em informações ou dados convencionais que podem ser controlados (FENSTERSEIFER; WERLANG, 2008). Além disso, segundo Chabert (2004), o instrumento projetivo constitui-se como um objeto mediador da interação entre o orientador e o cliente, sendo que a criação deste campo relacional permite uma análise do funcionamento psíquico em uma perspectiva dinâmica.

A análise de Rueda (2009) constatou que os instrumentos utilizados em Orientação Profissional são temas de discussão e alvo de vários estudos. Há testes que são utilizados para a prática da Orientação Profissional que são padronizados e aprovados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos

(SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia (CRP), tais como o Teste de Fotos de Profissões (Berufsbilder Test, BBT), Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP), Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP), Questionário de Busca Auto Dirigida (SDS), entre outros.

Nesse sentido, Sparta, Bardagi e Teixeira (2006) expõem que o campo da Orientação Vocacional possui um proveitoso desenvolvimento, especialmente no que toca ao aperfeiçoamento de instrumentos psicológicos e outros recursos técnicos, visando à implementação de processos de avaliação e intervenção cada vez mais especializados. Os autores sugerem dois modelos de avaliação psicológica em OP, ligados ao desenvolvimento histórico da área. Tais modelos são Modelo de Avaliação Psicológica Centrado no Resultado e Modelo de Avaliação Psicológica Centrado no Processo.

O primeiro deles, modelo centrado no resultado, tem como característica principal a preocupação com a definição de uma escolha profissional. Para tanto, resultados de testes psicológicos que avaliem características como inteligência, aptidões, interesses e personalidade, eram combinados com as características e ambientes ocupacionais e, assim, os resultados dos testes eram tidos como indicadores da escolha do orientando, de forma diretiva.

O segundo modelo, de avaliação psicológica centrada no processo, parte do pressuposto de que instrumentos de avaliação podem ou não ser usados; porém, a ênfase não está mais nos resultados dos testes, mas na aprendizagem do orientando e no autoconhecimento de suas próprias condições, possibilidades e limitações.

Frank Parsons é considerado o pai da orientação profissional por ser o pioneiro na sistematização de uma teoria e técnica na tentativa de ajudar as pessoas a escolherem suas carreiras (O' BRIEN, 2001, RIBEIRO e UVALDO, 2007; ZYTOWSKI, 1972), seu método era sintonizado com o zeitgeits mecanicista presente no início do século XX. No entanto, Parsons era considerado um protagonista para a sua época, pois segundo Ribeiro e Uvaldo

(2007 p. 22), seu trabalho de auxílio a jovens e adultos para realizarem escolhas inteligentes de carreira visava à transformação social a partir de um projeto político de mudança social e deveria servir de estratégia de desenvolvimento social. Partindo do pressuposto da transformação social, sua orientação vocacional também dedicou atenção a grupos desfavorecidos como imigrantes, mulheres e pobres além de outros públicos que tinham pouco acesso ao desenvolvimento educacional e profissional (O' BRIEN, 2001).

O trabalho desenvolvido por Parsons para a orientação consistia em duas etapas: a primeira etapa constituía de uma autoanálise composta de um questionário de 116 questões a serem respondidas sobre: características físicas, organização e ocupações dos membros da família; vida escolar e cultural; experiência de trabalho; interesses; habilidades; ambições e limitações; esse questionário seria analisado posteriormente pelo orientador e era marcada uma entrevista individual que consistiria na segunda etapa. Nessa entrevista, era realizada uma discussão dos resultados do questionário a partir da avaliação do orientador e analisadas as pretensões do orientando. Dependendo dessas pretensões alguns testes (padronizados ou não) poderiam ser aplicados a fim de se perceber as habilidades do orientando para determinada ocupação, além disso, eram utilizadas tabelas indicando as condições necessárias para o sucesso em várias ocupações (RIBEIRO e UVALDO, 2007).

A orientação profissional não pode ser entendida apenas como um mecanismo para escolha de uma carreira. Num contexto mais amplo caracteriza-se por ser um processo em que cada sujeito possa ter um espaço e um tempo para manifestar suas preocupações e problemas, para que, por si mesmo, vá elaborando seu projeto de vida, definindo suas possíveis escolhas e delimitando os obstáculos que lhe impedem de resolver seus problemas. A orientação profissional constitui-se como um lugar onde é necessária a ocorrência da reflexão sobre a própria trajetória e sobre a constituição da identidade psicossocial do sujeito (SANTOS, 2012).

De acordo com Super (1957) e Super e colaboradores (1996), a escolha profissional não é um evento que ocorre na adolescência, mas um processo contínuo ao longo da vida. O principal objetivo do processo de orientação para o modelo evolutivo é a promoção do desenvolvimento vocacional, que pode ser medido pelo nível de maturidade vocacional do indivíduo. A maturidade vocacional corresponde ao lugar que o indivíduo ocupa dentro de um contínuo desenvolvimento vocacional.

O autoconceito é fundamental no desenvolvimento da carreira à medida que o indivíduo vai refinando o conceito sobre si, aplicando-se sobre a realidade (particularmente no sistema de ensino e no mundo laboral) e vai adaptando suas escolhas na carreira que permitam expressarem seus autoconceitos (SANTOS, 2012).

Também nesse sentido, Soares (1987) definiu OVP como um processo favorecedor ao autoconhecimento. Proporcionaria, o jovem, contato consigo mesmo, seus valores, interesses, motivações e potencialidades, analisando-as em conjunto com uma profissão potencialmente contempladora dessas características.

Dentro desse contexto, a avaliação psicológica poderia funcionar como processo facilitador do aprimoramento da compreensão da dinâmica psicológica e social do indivíduo que procura a OVP, conquistando uma posição de relevante contribuição. Abrangeria não somente uma compilação de testes, mas de diferentes estratégias técnicas, a saber: entrevistas, observações, análises funcionais e instrumentos específicos e bem direcionados (LEITÃO, 2004; TEIXEIRA & LASSANCE, 2006).

A escolha e a utilização das estratégias técnicas adequadas às demandas específicas dos indivíduos são diretamente dependentes dos modelos de intervenção implementados nos diversos serviços de OVP (MELO-SILVA & JACQUEMIN, 2001b; MELO-SILVA & JACQUEMIN, 2001b; MELO-SILVA, 2004). Dentre essas estratégias, pode-se afirmar que a avaliação psicológica, segundo Duarte (2008), configura-se como “instrumento de base

para ajudar os indivíduos a realizarem suas escolhas” (p.139) e deve ser compreendida como um processo integrador de determinantes situacionais e características pessoais do indivíduo. Em outras palavras, trata-se de um processo dinâmico, que auxilia os indivíduos na compreensão interpretativa de suas necessidades, inseridos num processo contínuo de desenvolvimento.

Dentro desse contexto, torna-se necessário que na avaliação psicológica, aplicada aos processos de OVP, seja cuidadosamente observada a seleção dos instrumentos. Esta deve englobar os objetivos da avaliação, sua orientação teórica, a capacitação do avaliador e as características do sujeito (FENSTERSEIFER & WERLANG, 2006) para que os resultados sejam compreendidos de forma correta.

Dentro dessas considerações, pode-se destacar que a grande contribuição do modelo desenvolvimentista de avaliação e aconselhamento da carreira, foi o de

considerar a maturidade vocacional, no caso de jovens, e a adaptabilidade, no caso de adultos, como elementos determinantes para que o indivíduo possa mais facilmente tomar decisões de elementos determinantes para que o indivíduo possa mais facilmente tomar decisões de carreira (DUARTE, 2008, p. 146).

Assim, dentro deste modelo teórico, os processos avaliativos em OVP assumem a carreira como um processo contínuo ao longo da vida, buscando integrar os resultados obtidos numa perspectiva de exploração e de fortalecimento do autoconhecimento.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL

A fase da escolha de qual carreira seguir acontece na adolescência, em que há o surgimento de mudanças corporais e intelectuais, ocasionando os conflitos internos e externos. Tendo de vivenciar mudanças pertinentes ao período de adolescência e, ainda, tendo de definir um caminho profissional a seguir, o adolescente pode encontrar dificuldades, uma vez que a decisão implica uma escolha para definir o futuro, uma maneira de sobreviver é a etapa

do profissionalismo a ser vencida pela passagem da adolescência para a vida adulta (LARA, L.D.; ARAÚJO, M.C.S.; LINDNER, V.; SANTOS, V.P.L.S., 2005).

A dificuldade de escolher uma profissão não é um problema exclusivo do adolescente, já que as decisões profissionais são comuns durante toda a vida do sujeito, considerando, porém, que é na adolescência que essa dificuldade se agrava mais, por ser a primeira vez em que ele se encontra numa situação desse nível, uma vez que escolher uma profissão está diretamente ligado à questão de sobrevivência e que a decisão presente pode acarretar a vida futura. (LARA, L.D.; ARAÚJO, M.C.S.; LINDNER, V.; SANTOS, V.P.L.S., 2005). Como diz Moura (2001, p. 17):

Quando quem decide é um adolescente, essa escolha gera mais conflito em função não apenas das dificuldades próprias dessa fase, mas também pelas sérias implicações que a decisão presente pode acarretar no futuro.

O grupo familiar, por exemplo, desempenha um importante papel na definição do rumo profissional dos jovens estudantes. Independentemente de profissão, situação econômica ou nível cultural, os dedicados conselheiros caseiros buscam quase que instintivamente dar a sua parcela de contribuição na escolha a ser feita, e nem todos conseguem acertar na sua escolha profissional logo na primeira tentativa (SOUSA, 2005).

Muitos fatores influem na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, a família e os pares. A literatura aponta a família como um dos principais fatores que ajudam ou dificultam no momento da escolha e na decisão do jovem como um dos fatores de transformação da própria família. O jovem pertence a uma família, que tem uma história e características próprias (BOCK & AGUIAR, 1995). Por isso, é considerado essencial para a escolha não somente o conhecimento que ele tem de si mesmo, mas também o conhecimento do projeto dos pais, o processo de identificação e o sentimento de pertencimento à família, o valor dado às profissões pelo grupo, assim como a maneira como o jovem utiliza e elabora os dados familiares (SANTOS, 2005).

Como sabemos, as diferenças sociais, culturais e econômicas são fatores relevantes na determinação das possibilidades de caminhos que se apresentam para cada um que escolhe. Mais que isso, as particularidades e recursos afetivos de cada organização social ou familiar fornecem-lhes os detalhes qualitativos das relações que irão estabelecer com o mundo e consigo mesmos. Sendo assim, a maneira como uma família e seus membros enfrentam as mudanças e incertezas do mundo do trabalho atual, que prover o jovem que escolhe uma profissão de ferramentas mais sofisticadas para o cumprimento de tal tarefa (VARDI, 2009).

Segundo Rappaport (1998), as angústias nesse período são normais, pois essas vêm das próprias indefinições ou cobranças que os adolescentes apresentam, uma vez que sofrem influências dos pais e das pessoas da sociedade. Para Bianchetti (1996), outro motivo angustiante para o adolescente é a insegurança de estar escolhendo a profissão adequada, da instabilidade no mercado de trabalho, da falta de emprego e de meios materiais de sobrevivência, a dedicação a trabalho repetitivo ou executado sob pressão.

Um dos problemas que dificulta o jovem em sua escolha profissional é o medo; o medo de desprender-se do grupo de amigos; o medo da mediocridade, da rotina e da chatice de “adaptar-se socialmente”; medo de não ser capaz e de carecer de meios para desenvolver-se ocupacionalmente; o medo de não encontrar trabalho depois dos estudos; o medo de equivocar-se na escolha profissional (MÜLLER, 1988).

Diante a todos esses fatores, é comum os jovens demonstrarem durante o processo da escolha profissional a dificuldade em determinar o que realmente querem, quais são os seus interesses e suas habilidades, ou seja, não conseguem buscar e construir o seu autoconhecimento. Assim, sem ter muita consciência das influências que sofrem e, principalmente, sem ter informações suficientes sobre a profissão que estão escolhendo, os adolescentes fazem suas opções e ingressam na universidade sem ter muita clareza e certeza da sua escolha.

O adolescente, no momento em que busca uma profissão, está definindo quem vai ser, estará escolhendo um papel adulto. Esta busca dá-se geralmente quando o jovem finaliza o ensino médio e pretende ingressar na Universidade e os conflitos, as angústias e o desafio do vestibular estão presentes na vida deste. Há muita pressão por definições, da parte da família, dos amigos, sobretudo muita expectativa social e do próprio jovem. É nesse momento que se faz necessário o trabalho de Orientação para a formação profissional, uma vez que

“o homem pode escolher dentro de um leque de opções que lhe são oferecidas pela sua situação de vida (classe social, tipo de família, época histórica e cultural, etc.). Existe, pois, uma liberdade que é limitada por sua própria realidade na qual a pessoa está inserida” (LUCCHIARI, 1993, p.91).

A orientação profissional oferecida para os estudantes do ensino médio tem como objetivo facilitar e oportunizar a escolha consciente de suas atividades profissionais, ou seja, este trabalho

“oportuniza a reflexão, a discussão e o debate entre os próprios jovens para que eles possam se dar conta daquelas influências que lhes estão sendo prejudiciais, por não lhes permitirem escolher ou por levarem a um grau de angústia insuportável” (SOARES, 1987, p. 83).

Nesta perspectiva, Rappaport nos diz que

Um processo de escolha mais maduro possibilita maiores realizações pessoais, mais expressão da criatividade e participação mais ativa nos movimentos sociais, científicos e culturais que levam a gradativas mudanças das ideias e da qualidade de vida da sociedade. E essa satisfação pode ser obtida em qualquer área (RAPPAPORT, 2001, p. 62).

No entanto, se o jovem estiver bem informado acerca das profissões e de suas possibilidades, estará bem instrumentado cognitivamente a lidar com a escolha. Porém, afetivamente, poderá não estar preparado, dificultando, assim,

sua escolha profissional. Ainda, muitos jovens podem sentir dificuldades para escolher quando, por exemplo, possuem várias aptidões, podendo seguir profissões distintas, o que dificulta a decisão entre as diferentes opções (LEVENFUS, 1997).

Contudo, fazer uma escolha é fundamental e implica uma série de perspectivas e de renúncia às demais possibilidades. Segundo Rappaport (1998, p.46) “uma escolha profissional remete ao futuro: perspectivas, sonhos, projetos e uma boa dose de imprevisibilidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa bibliográfica possibilitou a realização de um estudo preliminar da contribuição da avaliação psicológica no processo de orientação profissional no contexto escolar destacando vários pontos de suma importância para o processo com base em diversos pesquisadores que tem contribuído para o progresso nesta área.

Considerando que a OP é um processo no qual faz uma análise conjunta das características pessoais do sujeito e facilita a tomada de decisões, de acordo com Nunes e Noronha (2009), os testes psicológicos são importantes ferramentas para o processo, levando em conta que seus resultados servem como fonte de reflexão, auxiliando no autoconhecimento, aspectos de interesse, habilidades, relação com as profissões e traços de personalidade do sujeito.

A partir dessa perspectiva, é primordial reafirmar a contribuição da avaliação psicológica para o processo de orientação profissional no contexto escolar onde oportuniza ao aluno um melhor esclarecimento quanto ao curso a seguir; a ocupação a desempenhar para a carreira futura, diminuindo os custos financeiros provenientes da evasão universitária e também os custos emocionais provenientes da insatisfação com a sua “escolha”.

Nota-se que o processo de tomada de decisões quanto á escolha profissional implica por parte do individuo o exame e valorização de distintas alternativas acadêmicas que deverá optar segundo suas características e

interesses pessoais. No entanto, este procedimento é um tanto complicado e necessita de uma ajuda profissional que deve começar no âmbito escolar.

Vale mencionar a relevância da formação teórica, técnica e ética dos orientadores profissionais que desenvolvem esses serviços, mostrando que a OP não é um simples aplicar de testes, mas uma conscientização da subjetividade e da cidadania.

Sendo assim, a orientação profissional assume um papel importante na construção de uma sociedade mais equitativa, a partir do momento em que oferece para o jovem a capacidade de assumir e avaliar criteriosamente as profissões através da avaliação psicológica permitindo crescer profissionalmente.

Contudo, este trabalho possibilitou observar que a avaliação psicológica exerce suma importância no contexto da orientação profissional, visto que pode promover no sujeito subsídios para uma escolha mais concreta com relação ao seu futuro profissional. Além disso, sabemos o papel e a importância dos pais no momento de escolha de seus filhos é na família que o jovem busca o seu primeiro apoio na sua formulação do seu projeto de vida.

Por fim, espera-se que, com esse presente estudo, se tenha contribuído para indicar caminhos futuros para pesquisas na área, tais como construtos que carecem de mais pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABADE; **ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: UMA REVISÃO HISTÓRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**; Flávia Lemos Abade; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Publicado na Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2005, 6 (1), PP.15 - 24.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. Tradução José Maria V. Bogart. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Título original: Orientación Vocacional- La estrategia clínica. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1971.

BOCK, Ana Mercês Bahia; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (et al). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 9-23.

BARROS, A. F. Desafios da psicologia vocacional: modelos e intervenções na era da incerteza. Rev. bras. orientac. prof. São Paulo, v.11, n.2, p.165-175, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902010000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 de Março de. 2013.

BIANCHETTI, Lucídio. **Angústia no vestibular: indicações para pais e professores**. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

CARVALHO & ARAÚJO; **Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências**. Tatiana Oliveira de Carvalho^{1, 1}; Claisy Maria Marinho-Araujo^{II}. Rev. bras. orientac. prof vol.11 no.2 São Paulo dez. 2010.

CHABERT, C. A situação projetiva. In: CHABERT, C. **Psicanálise dos métodos projetivos**. Tradução Álvaro José Lelé, Eliane Maria Almeida Costa e Silva. São Paulo: Vetor, 2004. Título original: Psychanalyse ET méthodes projectives. Paris: DUNOD, 1998. P. 37-54.

Duarte, M. E. (2008). **Avaliação psicológica na intervenção vocacional: princípios, técnicas e instrumentos**. In: Taveira, M. C. & Silva, J.T. (Coord) Psicologia Vocacional. Perspectivas para a intervenção (PP.139-157). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

FENSTERSEIFER, L.; WERLANG, B. S. G. Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In: VILLEMOR- AMARAL, A. E.; WERLANG, B. S. G. (Orgs). **Atualizações em métodos projetivos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. P. 15-33.

Fensterseifer, L. & Werlang, B.S.G. (2006). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In: Villemor- Amaral, A.E.; Werlang, B.S.G. (Orgs). **Atualizações em métodos projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grinspun, M. P. S. (2002).A orientação educacional: Conflito de paradigmas e alternativas para a escola(2ª ed.). São Paulo: Cortez.

LOBATO; **MATURIDADE VOCACIONAL E GENERO: ADAPTAÇÃO E USO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO**. Dissertação do curso de Pós-graduação em psicologia do desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Carmem Regina Poli Sayão Lobato; Junho de 2001.

Leitão, L.M. (2004). Introdução. In. Leitão, L.M. (Coord). **Avaliação Psicológica em orientação escolar e profissional** (pp. 9-18) Coimbra: Quarteto.

LEVENFUS, Rosane Soares. **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEVENFUS, Rosane Schotgues. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCCHIARI, Dulce Helena P. Soares. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

LARA, L.D.; ARAÚJO, M.C.S.; LINDNER, V.; SANTOS, V.P.L.S. O adolescente e a escolha profissional: compreendendo o processo de decisão. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama, 9(1), jan./abr. p.57-61, 2005.

Melo-Silva, L. L. & Jacquemin, A. (2001b). ***Intervenção em Orientação Vocacional / Profissional: Avaliando resultados e processos***. São Paulo: Vetor.

MÜLLER, Mariana. **Orientação Vocacional: Contribuições Clínicas e Educacionais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Moura CB de. **Orientação profissional: sob o enfoque da análise do comportamento**. Londrina: UEL; 2001.

NASCIMENTO; **AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PROCESSO DINÂMICOS DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL INDIVIDUAL**; Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Publicado na Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2007, 8(1), pp.33-44.

NUNES, M. F. O.; NORONHA, A. P. P. Relações entre interesses, personalidade e habilidades cognitivas: Um estudo com adolescentes. Psico-USF. Itatiba, v.12, n.2, p.131-141, maio-ago. 2009.

O' BRIEN, Karen. M. (2001). "The legacy of Parsons: Career counselors and vocational psychologists as agents of social change". **The Career Development Quarterly**, 50 (1), 66-76.

Rueda, F. J. M. (2009). **Produção científica da Revista Brasileira de Orientação Profissional**. *Revista de Orientação Profissional*, 10(2), 129-139.

RIBEIRO, Marcelo Afonso e UVALDO, Maria da Conceição Coropos – " Frank Parsons: **trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira**". Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2007, 8 (1), pp. 19—31.

RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. 8 ed. São Paulo: Ática; 2001.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Escolhendo a profissão**. São Paulo: Ática, 1998.

Sparta, M., Bardagi, M. P., & Teixeira, M. A. P. (2006). **Modelos e Instrumentos de Avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v.7(2), p. 19-32, 2006.

SOUSA; ELIZENE MARIA CALMAN DE SOUSA. **ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Católica de Brasília/ DF, 2005.

Santos, Alexandre dos. **Gênero em processos de orientação profissional/ Alexandre dos Santos; orientadora Yvette Pinha Lehman.**—São Paulo, 2012. Acesso eletrônico: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/> Acesso em 9 de março de 2013.

SANTOS, L.M.M. O Papel da família e dos pares na escolha profissional *in Psicologia em Estudo*, vol.10 n°1 Maringá Jan/ Apr. 2005.

Super, D. E. (1957). **The psychology of careers: An introduction to vocational development**. New York: Harper & Row Publishers.

Super, D. E., Savickas, M. L. & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development* (3ª ed., pp.121-178). San Fransisco: Jossey- Bass Publishers.

SOARES, Dulce Helena. **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Talavera, E. R., Liévano, B.M., Soto, N. M., Ferrer-Sama, P., & Hiebert, B. (2004). **Competências internacionais para orientadores educacionais e vocacionais**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 1-14.

Teixeira, M. O. (2008). **A abordagem sócio-cognitiva no aconselhamento vocacional: Uma reflexão sobre a evolução dos conceitos e da prática da orientação**. Ver. Brás. Orientac. Prof., 9 (2), 9-16.

Vardi, C.H.G.R. **Sobre a participação da vivencia profissional dos pais na construção do projeto profissional dos filhos: um estudo exploratório.**
Cecilia Helena Gonçalves Ramos Vardi—São Paulo: s.n., 2009. – 152p.